

ADOLESCÊNCIA E PÓS-MODERNIDADE: Considerações acerca dos processos de subjetivação no mundo atual

Angela Maria Pires Caniato

Psicóloga, mestre em Psicologia (PUC-RJ); Doutora em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela USP-SP, Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPi-UEM)
angelacaniato@gmail.com

Mérly Luane Vargas do Nascimento

Psicóloga, com pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional (UniFCV), Psicopedagogia Clínica e Institucional (ESAB), mestre em Psicologia (Ppi-UEM) e Doutora em Psicologia (Ppi-UEM)
merlylvnascimento@gmail.com

RESUMO

O contexto sociocultural contemporâneo é profundamente marcado por mudanças e transformações em vários âmbitos: paradigmas, crenças, valores, relações interpessoais e de trabalho, ciência e tecnologia, economia, entre outros. Nesse sentido, o sentimento de perplexidade, estupefação e desorientação poderia ser considerado bastante comum entre os homens e mulheres contemporâneos. Nesse artigo, partimos desse contexto para considerar algumas peculiaridades dos processos de subjetivação tal como são engendrados na atualidade, com especial foco na fase da adolescência, a qual entendemos como objeto de estudo privilegiado para a compreensão das injunções sociais sobre os sujeitos (Justo, 2005). Para tanto, situamos alguns pontos do debate existente acerca da denominação do contemporâneo: Pós-modernidade (Bauman, 1998), modernidade líquida (BAUMAN, 2001) e, por fim, hipermodernidade. Colocamos em foco as principais características destacadas pelos pesquisadores acerca de nosso momento histórico, para, em seguida, tecer considerações sobre a adolescência e os desafios contemporâneos enfrentados pelos indivíduos nessa fase, tendo em vista o contexto sociocultural discutido por estes autores.

Palavras-chave: Adolescência. Pós-modernidade. Indústria cultural. Processos de subjetivação contemporâneos.

ADOLESCENCE AND POST-MODERNITY: Considerations on processes of subjectivation in the current world

ABSTRACT

The contemporary socio-cultural context is deeply marked by chances and transformations in several aspects: paradigms, beliefs, values, interpersonal and work relationships, science, technology, economy, among others. In this context, the sensation of perplexity, stupefaction and disorientation could be considered very common among contemporary men and women. This paper starts from this context to consider some peculiarities of the processes of subjectivation in current times, focusing especially on adolescence, which is understood as an essential

study object for understanding the social injunctions upon individuals (Justo, 2005). For this, some topics that compose the debate on the contemporary denomination are brought up: Post-modernity (Bauman, 1998), Liquid Modernity (Bauman, 2001) and, finally, hypermodernity. We highlight the main characteristics discussed by these authors in what concerns our historical moment in order to develop, afterwards, considerations about adolescence and the contemporary challenges faced by individuals in this stage, considering the socio-cultural context approached by the authors.

Keywords: Adolescence. Post-modernity. Cultural industry. Contemporary processes of subjectivation.

1 INTRODUÇÃO

O materialismo histórico nos auxilia a entender a história humana como um processo caracterizado por constantes transformações: tanto a natureza, quanto os homens e até mesmo as próprias relações de trabalho modificam-se no decorrer desse processo, sofrendo alterações, tanto no âmbito quantitativo quanto no qualitativo. Porém, em nossa época, na qual as descontinuidades ocorrem de uma forma que não possui precedentes (Giddens, 1991), a mudança parece adquirir um sentido ainda mais central e decisivo.

O ritmo acelerado e a intensidade das transformações socioeconômicas e culturais apontam para uma importante característica da contemporaneidade. De acordo com Outeiral (2001, p.116), nossa sociedade vivencia a contestação e modificação de diversos paradigmas e valores que se mantiveram relativamente estáveis por certo tempo, o que vem a justificar a concepção do “advento da *condição pós-moderna*” (grifos do autor) na atualidade. Harvey (1996, p.7) refere-se a tal condição, definindo-a como “uma mudança abissal nas práticas culturais, bem como político-econômicas”, o que leva-nos a indagar acerca da influência disso nos processos de subjetivação e na identidade do indivíduo contemporâneo, sobretudo em uma fase tão decisiva para a formação identitária como é a adolescência.

Quando considerados psicanalistas contemporâneos que estudam a adolescência, podemos observar também a preocupação e o cuidado com os indivíduos adolescentes na clínica e demais instituições, o que nos conduz a refletir sobre a relação que o adolescente constrói com sua própria civilização. Calligaris (2000, p.57) afirma que “a adolescência como um ideal é quase um corolário do mundo contemporâneo”, o qual impõe aos adolescentes uma

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

exasperada obrigação de serem felizes, já que os mesmos encarnam, nessa fase da vida, os denominados ‘sonhos adultos’. Isso faz a adolescência idealizada não apenas em termos dos sujeitos desejarem permanecer nessa fase, mas também porque, por meio dela, são infundidas tendências culturais, mercadológicas e comportamentais. O autor concebe, desse modo, o adolescente como um ideal identificatório tanto para crianças quanto para adultos em nossa época, de modo que, por meio da investigação desse objeto de estudo, torna-se possível perscrutar ideais mais gerais que regem a vida social.

Contudo, a encarnação do ideal cultural cobra seu preço ao adolescente: idealizado e imitado por crianças e adultos, privado de referências norteadores que delimitem ou facilitem a constituição de seu espaço identitário, e, sobretudo, impossibilitado de saber até quando perdurará essa moratória denominada adolescência, esse sujeito vivencia uma “insegurança radical” (CALLIGARIS, 2000, p.21), que, muitas vezes, pode culminar em comportamentos agressivos ou autodestrutivos, em patologias diversas e, até mesmo, em morte por suicídio ou causas violentas.

Diante dessas considerações psicanalíticas, parece pertinente indagar de que maneira nossa cultura, ao tomar o adolescente como seu ideal, também perpetra sobre ele uma violência – esta última, no sentido que Levisky (2000, p. 25) a concebe no processo de identificação como “reação consequente a um sentimento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida” – e como a constituição da identidade do sujeito é implicada nesse processo.

O estabelecimento da adolescência como ideal cultural contemporâneo e, concomitantemente, a relação íntima dessa fase com o espaço social, fazem da mesma um objeto de investigação excepcionalmente interessante para a compreensão das injunções sociais nos sujeitos. De acordo com Justo (2005), por meio dos fenômenos típicos da adolescência podemos perscrutar tendências mais gerais da sociedade que ressoam com maior rapidez e transparência justamente sobre esse indivíduo em processo de constituição da personalidade.

Em outras palavras:

[...] a preocupação com a adolescência não é desinteressada. Surge para as gerações precedentes quando estas se defrontam com questões que também as afetam, direta ou indiretamente, seja por se tratar de problemas sociais que envolvem a todos (como o desemprego, a violência etc.), seja pelo significado que a nova geração possui para as anteriores. Perguntar sobre a adolescência é, então, perguntar sobre nossa própria cultura. (MATHEUS, 2003, p. 86).

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

De acordo com Vigostky (1996, p. 200) a adolescência é o estágio do desenvolvimento em que a concepção de mundo e a personalidade do sujeito, em seu sentido essencial, se constituem, pois este “é o período das sínteses produzidas pela crise do devir e da maturação daquelas formações superiores que são o fundamento de toda a existência do ser humano” (tradução minha). Para o autor é nessa fase, mais que em qualquer outra da vida, que a influência do meio social e cultural se manifesta no sujeito.

Dessa forma, o estudo da constituição da identidade do adolescente contemporâneo parece ter muito a nos dizer acerca não apenas dos ideais culturais e do processo de subjetivação imediatamente concernentes ao próprio adolescente, mas também podem nos auxiliar a compreender alguns traços específicos do modelo de subjetividade que nossa época tende a engendrar ou sustentar.

À medida que as representações ligadas à adolescência são apropriadas pela lógica de consumo e amplamente difundidas, gerando estereótipos da adolescência para serem consumidos pela infância, pela idade adulta e mesmo pela própria adolescência (CALLIGARIS, 2000), as condutas tidas como tipicamente adolescentes tendem a se tornar mais generalizadas, fazendo deste um objeto de investigação privilegiado para a Psicologia, a Sociologia, a Pedagogia e áreas afins.

Além disso, como essa fase da vida é tão crucial para a compleição da personalidade e da identidade do sujeito, podemos compreender que semelhante estudo pode resultar em uma compreensão mais apurada acerca do modo pelo qual o indivíduo identifica-se com modelos ou ideais denominados *influencers* (influenciadores digitais) e, por outro lado como ele torna-se sujeito, age no mundo. subjetiva-se, socializa-se e, enfim, constitui-se como um ser humano propriamente dito nessa época peculiar, denominadas por muitos como Pós-modernidade.

Desse modo, empreendemos aqui uma discussão acerca das características do momento histórico presente, situando alguns aspectos do debate em torno de sua denominação, para, em seguida, considerar a experiência de tornar-se adolescente na contemporaneidade, destacando peculiaridades da mesma, às quais a Psicologia, enquanto ciência e profissão que se preocupa com a questão do sofrimento humano, deverá estar atenta.

2 A CONTEMPORANEIDADE: QUE TEMPO É ESSE?

A globalização da economia e as mudanças na configuração geopolítica do planeta geram um clima de perplexidade no mundo atual. Paralelamente, transformações no modo de produção capitalista e nas políticas estatais tornam o mundo do trabalho cada vez mais imprevisível e oscilante, fazendo desaparecer o emprego estável e deixando o trabalhador inseguro até mesmo quanto aos seus meios de sobrevivência (Bauman, 1998). Referenciais de autoridade, como a política, a religião e a tradição familiar são gradativamente substituídos por um processo de “re-hieraquização dos valores” (Costa, 2004, p.132), no qual a publicidade e outros veículos da indústria cultural desempenham um papel central. Os grandes discursos que apregoavam uma sociedade mais livre e esclarecida (Iluminismo) ou mais igualitária (Comunismo) são desacreditados ou seus ideais vistos como de importância inferior àqueles que exaltam o sucesso e o desempenho pessoal. Os indivíduos retiram-se da cena pública para refugiarem-se em um intimismo que não enfrenta ou sequer considera as desigualdades e injustiças sociais (Sennett, 1988).

Ao mesmo tempo, a tecnologia avança em um ritmo jamais visto. A criação e o uso disseminado de novos instrumentos, aparelhos e serviços permitem ao homem estabelecer um novo tipo de relação com o tempo e o espaço (Harvey, 1996) e mesmo com a realidade (Ibanez, 2001; Alvez, 2008). Surge uma versão potencializada e radicalizada do “Deus de prótese” (Freud, 1930/1996, p.98): mais onipotente com seus aparelhos eletrônicos de última geração e seus armamentos de elevados potenciais destrutivos; mais onisciente, com o incremento da indústria da informação e a sofisticação dos sistemas de vigilância; e mais onipresente com os meios de transporte cada vez mais rápidos e as tecnologias de transmissão de voz e imagens.

A dimensão alcançada pelas transformações atuais tem sido o centro de várias reflexões teóricas e discussões que colocam em questionamento diferentes concepções acerca de nossa atual sociedade, e divide opiniões e posicionamentos de estudiosos e pensadores a esse respeito. Uma dessas discussões refere-se ao nome que deve ser dado à nossa época. A seguir, situaremos alguns pontos da mesma.

2.1 A contemporaneidade e algumas de suas diversas denominações: pós-modernidade, modernidade líquida e hipermodernidade

O debate existente em torno do termo ‘pós-modernidade’ e seus correlatos ou substitutos – tais como modernidade líquida (Bauman, 2001) e hipermodernidade (Lipovetsky, 2004) – coloca em evidência a falta de consenso até mesmo em nomear o momento histórico presente. Tal impasse transcende a questão meramente terminológica, pois sinaliza outros problemas mais emblemáticos, complexos e característicos de nossa época.

Talvez a mais importante destas problemáticas, justamente por seu potencial efeito desnorteante, refere-se à dificuldade de situar-nos, de saber exatamente onde estamos. De um modo geral, o nome é a forma primeira que empregamos para conhecer os objetos, os sentimentos e os fenômenos. Assim, os obstáculos enfrentados para nomear nosso momento histórico parecem corresponder a outro, de caráter mais profundo e desorientador, a saber: a dificuldade contemporânea do autoconhecimento, de termos uma ideia mais precisa e apurada acerca de como e a partir de quais meios e afetos nos constituímos. O “culto da ambiguidade e da indeterminação” (EAGLETON, 1998, p. 14) vivenciado na Pós-modernidade seria o corolário dessa dificuldade contemporânea.

Para começarmos a delinear os aspectos dessa complexa configuração do social contemporâneo – o que nos auxiliará na compreensão de alguns aspectos da subjetividade – abordaremos algumas das concepções de sociedade e cultura envolvidas nesse debate, bem como os pontos de convergência e divergência entre as mesmas.

Nesse contexto, as faculdades e universidades vão gradualmente transformando-se em fundações e institutos financiados pela iniciativa privada dos grandes monopólios industriais e, assim sendo, o trabalho docente nas escolas transmuta-se facilmente “para a concretude escolar, cujos processos facilmente reforçam a lógica do “*saber fazer*” (Trevisan et. al, p.71-253). A legitimidade do saber passa a dar-se pelo seu valor comercial, o qual dependerá, por sua vez, da capacidade que possa ter esse saber de otimizar a mais-valia e o lucro dos proprietários dos meios de produção. A ciência pós-moderna não mais buscaria o *Aufklärung*, concebido por Adorno (1995) como um conhecimento essencial para a emancipação dos sujeitos e também para a convivência pacífica de várias culturas. O saber científico,

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

desvinculado da busca pela verdade, seguiria os imperativos de desempenho – critério tecnológico – que não comportam nenhuma utopia, visando, portanto, apenas o reforço da realidade tal como se apresenta.

Esse processo leva a uma inversão da relação entre homem e ciência, bem como entre a ciência e a técnica: enquanto com o Iluminismo tínhamos uma ciência destinada a servir de instrumento para o ser humano buscar a verdade, o bem-estar e o progresso; na ciência pós-moderna o homem passa a ser considerado meramente um meio para o desenvolvimento científico. Do mesmo modo, não é mais a técnica que serve à ciência e sim essa última que deve fornecer subsídios para o aperfeiçoamento técnico, já que será esse último o responsável direto pelo “*pseudo-aperfeiçoamento*” dos produtos disponíveis aos consumidores finais. Temos, portanto, uma inversão entre meios e fins na passagem para a era Pós-Moderna.

Os grandes discursos emancipatórios ou críticos, que apontavam no sentido da autonomia individual e justiça social – tal como o marxismo ou o Iluminismo – tornam-se, devido ao mesmo processo, esvaziados. O chamado nihilismo pós-moderno, portanto, não diz respeito apenas à descrença nos ideais de emancipação e esclarecimento, mas também a uma espécie de desencanto com o mundo, caracterizado por uma desconfiança e até mesmo desprezo por ideais coletivos, projetos libertários, ou utopias coletivas que possam alterar as condições dadas pelo sistema.

A publicidade, como instância simbólica privilegiada no *ethos* contemporâneo e, simultaneamente, com sua função legitimadora e reprodutiva do sistema capitalista (Severiano, 2010) irá encontrar no mito científico um poderoso aliado. Instância difusora da moral do espetáculo, a publicidade serve-se do discurso científico, que por sua vez, é investido da legitimidade intelectual que lhe permite “falar do lugar da Verdade” (Costa, 2004, p.190). Garantida por rigorosos ‘métodos de controle e validação experimentais’, a ‘verdade’ da ciência será um importante guia de comportamentos e costumes em um mundo atordoado pela descrença e pela queda de valores tradicionais.

É importante ressaltar que esse indivíduo ‘privatizado’ e indiferente a questões sociais, éticas e afetivas – herdeiro da moral do espetáculo, fascinado com as imagens *glamourosas* do cinema e da televisão – é muitas vezes tido com o típico homem pós-moderno. Além dessas

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

características, fala-se na perplexidade e insegurança também tipicamente pós-moderna. Vejamos alguns fatores sociais e culturais que contribuem para isso.

Para Bauman (1998), a “desregulamentação universal” (p.34), promovida pela globalização, caracteriza uma economia que passa a ser regida pela competição desenfreada do mercado é desprovida de qualquer lógica previsível. As chamadas leis do mercado se definem menos por uma regularidade do que pelo universo caótico que criam no campo da economia, o que faz com que fujam, assim, às definições mais difundidas do que possa ser uma lei. Além disso, a impessoalidade e a preponderância das razões econômicas sobre os motivos humanos tornam-se, nesse mesmo processo, o modo com que as economias dos países passam a ser conduzidas. O Estado, que antes poderia cumprir qualquer parte do papel de amparo ao indivíduo, tem seu poder submetido e, muitas vezes, neutralizado, em relação a grandes corporações que detêm o controle sobre o capital internacional:

(...) deve-se conceder lugar de destaque às forças de mercado cada vez mais desregulamentadas, isentas de todo controle político eficaz e guiadas exclusivamente pelas pressões da competitividade. O mero tamanho dos principais atores nos mercados globais, atualmente, excede em alto grau a capacidade de interferência da maioria, se não de todos, os governos de estado eleitos – essas forças receptivas, pelo menos em princípio, à persuasão ética. (Bauman, 1998, p.74).

A globalização seria, portanto, um dos principais processos que estão em ação no desprovimento de previsibilidade e lógica dos eventos sócio-econômicos da contemporaneidade, o que conduz à sensação de perplexidade e impotência dos seres humanos diante dos mesmos. Bauman (1998) usa algumas vezes o termo ‘pós-modernidade’ para referir-se ao contemporâneo, entretanto prefere chamá-lo ‘modernidade líquida’ (Bauman, 2001), denominação que dá ênfase à fluidez, ao esgarçamento social e à instabilidade da forma das instituições sociais contemporâneas, em comparação às sólidas instituições modernas: Estado do Bem-Estar Social, família, relações de trabalho, entre outras.

A noção de modernidade líquida em Bauman (2001) engloba diversos aspectos que podem ser divididos em, pelo menos, cinco categorias: 1) A “desregulamentação universal” (Bauman, 1998, p.34 e Bauman, 2008a, p.112) caracterizada pela prioridade irrestrita conferida à competição de mercado em detrimento de liberdades individuais e razões éticas com a subsequente separação entre política e poder; 2) A nova ordem mundial – ou o que o autor prefere denominar “nova desordem mundial” (Bauman, 2008, p.48) – que corresponde à imprevisibilidade da lógica das negociações globais, as quais afetam a vida de seres humanos

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

no mundo inteiro; 3) A “lenta mas implacável dissipação e o esquecimento das habilidades sociais” (Bauman, 2008, p.114); o desaparecimento do emprego estável, a desintegração de redes pessoais de segurança como a família e o agrupamento de classe ou de vizinhança; 4) O advento de uma “identidade palimpséstica” (Bauman, 2008, p.115) cuja característica principal é priorizar o esquecimento diante da recordação ou mesmo da aprendizagem. O mesmo autor faz menção ao desfile de auto-imagens fragmentadas em uma “coleção de instantâneos” (Bauman, 1998, p.36) perpetrado pelos homens e mulheres líquido-modernos sob a influência da indústria da imagem, essa última entendida aqui como um instrumento da Indústria Cultural (Adorno & Horkheimer, 1947/2006); e, por fim, 5) A decadência dos valores éticos: face à super-competitividade, à desvinculação entre destinos individuais e os fatores sociais que os condicionam, à “dispersão das autoridade” (Bauman, 2008a, p. 163) com conseqüente “fragilidade de todos os pontos de referência concebíveis” (Bauman, 2008a, p. 189) e à já mencionada dissolução dos laços afetivos, de classe ou parentesco, o indivíduo líquido moderno, cada vez mais atomizado e menos cidadão, deixa de acreditar na construção de uma sociedade justa e na união com seus semelhantes em prol de uma causa comum.

Como pode ser percebido por um exame mais apurado, tais características da sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2001) estabelecem intrincadas relações entre si, fazendo parte de um contexto de retroalimentação mútua. Todas elas são coroadas por um “sentimento esmagador de *incerteza* (...) numa atmosfera de *medo ambiente*” (Bauman, 2008a, p.110, grifos do autor), o que gera experiências de desamparo e desesperança para os indivíduos que nela convivem. Bauman (2008a) ressalta que “viver sob condições de grande incerteza, perpétua e autoperpetuante, é uma experiência desalentadora” (p.115). Assim, entendemos que cada um dos elementos supracitados pertence a um modo de organização econômica, social e cultural que suscita sofrimentos sociais e psíquicos e exacerbam a experiência do desamparo individual.

Em relação à economia global (extraterritorial) e seu efeito desnorteador sobre os indivíduos, deve-se acrescentar que, concomitantemente, os próprios responsáveis pela função dos estados-nação, ao incluírem-se entre os perplexos e impotentes atores sociais já mencionados, não podem oferecer amparo e, assim garantir o predomínio das razões éticas – e, portanto, eminentemente humanas – sobre as econômicas. Também essas seriam características que marcariam a ruptura do momento presente em relação aos que lhe antecederam e que

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

contavam com uma configuração política e econômica mais ponderável e com certo grau de estabilidade, posto que os protagonistas do cenário econômico e político mundial estavam mais ou menos pré-definidos: o cenário da Revolução Industrial com a Inglaterra na dianteira e posterior emergência dos Estados Unidos e o mundo bipolar dividido entre as superpotências – Rússia e Estados Unidos – são exemplos desse último tipo de configuração global.

Lipovetsky (2004), por sua vez, entende o contemporâneo sob a óptica da exacerbação de características modernas. Considera que o termo pós-moderno, por indicar uma mudança de direção no modo de funcionamento social e na cultura não é desprovido totalmente de significação, visto que tal mudança teria efetivamente ocorrido. No entanto, vê esse mesmo termo como fraco e insuficiente para explicar a configuração social, econômica e cultural da atualidade. Para o autor, seria outra dimensão da Modernidade – e não uma superação da mesma – que tomava forma a partir da década de 70 do século passado, quando surgiram os maiores entusiastas do pós-modernismo. Os três pilares modernos, representados pelo mercado, eficiência técnica e pelo indivíduo, longe de ruírem, elevam e alicerçam uma modernidade agora sem contraponto, pois que globalizada e desregulamentada. Seria então o prefixo ‘hiper’ (e não o pós) que mais corretamente designaria o advento dessa versão paroxística do período moderno:

Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é **hiper**? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. Tudo foi muito rápido: a coruja de Minerva anunciava o nascimento do pós-moderno no momento mesmo em que se esboçava a hipermodernização do mundo.

Longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a "morte" desta, numa individualização galopante. (Charles & Lipovetsky, 2004, p.53. grifo do autor).

A falta de oposição aos valores e modelos modernos – contrapesos antes representados, sobretudo, pela Igreja, pelo valor dado à tradição e pelo papel de amparo social desempenhado pelo Estado – é o que permite a exacerbação dos mesmos e sua elevação à categoria ‘hiper’. Os imperativos da eficiência e o de sobrevivência conduziram a uma “hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica” (Lipovetsky, 2004, p.57), ou seja, uma mudança acelerada em que a meta é o progresso técnico visando a sobrevivência no mercado (seja de indivíduos ou de instituições) e não o progresso em seu sentido mais humano.

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

Finalidades com o a de justiça social e liberdade, por exemplo, são relegadas a segundo plano, ou simplesmente banidas da lista de prioridades do sistema.

Isso significa dizer que o caráter ideológico-político que era essencial na Modernidade, tendo essa como seu centro o Iluminismo, perde-se ou, ao menos tem diminuída sua importância na Hipermmodernidade. A hiper modernização faz-se via tecnologia, mídia e consumo. Encontra-se, portanto, aquém ou além do político. Governada pela lógica do excesso ou do extremo, coincide com o advento de uma “sociedade-moda” (Lipovetsky, 2004, p.60) na qual a paixão pela novidade é generalizada e as técnicas para seduzir, descartar e renovar reestruturam quase completamente o funcionamento social. A “aceleração generalizada dos tempos de giro do capital” (HARVEY, 1996, p. 258) que engendra e acentua os processos de instantaneidade, volatilidade e descarte das mercadorias migra para outros âmbitos da vida do indivíduo contemporâneo, tais como as relações interpessoais e a própria identidade, tornando, talvez, ainda mais árdua a tarefa de construção de uma identidade na adolescência. A respeito da obsolescência instantânea e da exacerbação da descartabilidade em nossa época, escreve o autor:

A dinâmica de uma sociedade "do descarte", como a apelidaram escritores como Alvin Toffler (1970), começou a ficar evidente durante os anos 60. Ela significa mais do que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo); significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser (HARVEY, 1996, p. 258).

Entretanto, o clima de renovação e criação constante não atinge o mundo do trabalho no que se refere a gerar empregos; pois “com a precarização do emprego e o desemprego persistente, crescem os sentimentos de vulnerabilidade, a insegurança profissional e material, o medo da desvalorização dos diplomas, as atividades subqualificadas, a degradação da vida social” (Charles & Lipovetsky, 2004, p.71). Portanto, a sociedade hipermoderna é também aquela em que, enquanto despreza-se o passado, teme-se o futuro, e em que a incerteza e o risco são companheiros permanentes na viagem da vida fazendo do presente “dividido, apreensivo, assombrado pelos vírus e pelos estragos da passagem do tempo” (Charles e Lipovestky, 2004, p. 74).

Em primeiro lugar, é possível observar que e a noção de hipermodernidade e seus correlatos não se contrapõem a termos semelhantes utilizados pelos sociólogos que estudam a concepção dos supracitados autores: as noções de “hiperconsumo” (p.49), “consumo-mundo” (p.129), “hiperconsumidor” (p.51) ou “turboconsumidor”, (p.98) e, por fim, de *Homo consumericus*

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

(p.128) (Lipovestky, 2007), antes complementam do que retificam a concepção de hipermodernidade. Em segundo lugar, ao pensar em ‘sociedade de hiperconsumo’ remetemo-nos, inevitavelmente – e isso, apesar do autor não mencionar nada a respeito – ao conceito de ‘sociedade de consumo’, o qual foi explorado por Baudrillard (1995) em seu livro que leva exatamente esse título.

A sociedade de consumo é definida por Baudrillard (1995) como o “ponto em que o consumo invade toda a vida” (Baudrillard, 1995, p.19). O autor refere-se a relações sociais mediadas pelo que identifica como signos de consumo e afirma que “o conjunto das relações sociais já não é tanto o laço entre homens e mulheres quanto a recepção e manipulação de bens e mensagens” (Baudrillard, 1995, p. 15).

Isso significa que, tanto na sociedade de consumo quanto na de hiperconsumo temos a mercantilização da cultura e dos modos de vida como pontos cruciais de definição. A promoção da obsessão pela novidade – conduzindo ao descarte veloz dos objetos e a um desperdício maciço e generalizado – alia-se a essa mercantilização para constituir o combustível da economia em ambas as sociedades supracitadas. Além disso, as conseqüências do ponto de vista do consumidor e do hiperconsumidor também se assemelham e, nesse quesito, a lista não é nada desprezível, quantitativa ou qualitativamente: há perda de autonomia e manipulação das vontades pela publicidade (a qual aqui entendemos como instrumento da Indústria Cultural (Adorno & Horkheimer, 1947/2006)); pensamento mágico ou sensível ao miraculoso do consumo e aquisição motivada pela ilusória busca de felicidade e pelo imperativo do gozo; declínio ou *déficit* das funções superiores de juízo e discernimento; distanciamento relativo ou absoluto em relação à própria afetividade e às necessidades propriamente humanas; solidão, atomização e falta de hábitos ou tradições orientadoras; sentimento de insegurança generalizada; pouco poder de influenciar efetivamente a cena social; ausência de alternativas à adesão ao consumo, entre outros.

É necessário pontuar que, de qualquer modo, esse debate existente entre os defensores da continuidade ou exacerbação da Modernidade e aqueles que advogam uma suposta ruptura em relação ao mesmo, ainda é controverso e existem vários complicadores que tornam mais árduo o caminho para uma conclusão definitiva.

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

A visão de mundo que permeou a Modernidade foi, de acordo com Severiano & Estramiana (2006), a de um todo organizado e, ao menos até segunda ordem, explicável ou inteligível a partir da compreensão de regras ou leis tidas como universais. A razão humana, elevada à condição de ídolo supremo, e instrumentalizada pelo saber científico, seria, nessa acepção, capaz de dar repostas a qualquer pergunta ponderável e de conduzir o ser humano rumo à sua autonomia e emancipação, contribuindo com o progresso social, ou seja, com a construção de um mundo melhor e, ao que parecia a essa visão, mais racional.

O momento histórico presente, por sua vez, tende a ser muito mais cético em relação a esses ideais de verdade, emancipação e princípios universalmente aceitos. Mesmo em relação ao nome que deve lhe ser dado, há importantes divergências, como vimos. Tal mudança nos parâmetros gerais e no modo de enxergar o social, entretanto, não nos leva, forçosamente a concebê-lo pós-moderno. Impetrar uma solução forçada, apenas escolhendo a concepção ou denominação que nos parece mais propícia para batizá-lo, poderia ter um efeito muito mais mutilador do conhecimento do que esclarecedor, visto que essa multiplicidade de nomes conferidos ao contexto social e cultural na atualidade revela alguns de seus mais importantes aspectos que são, justamente, a falta de consenso, a multiplicidade de discursos destinados a explicá-lo e, em última instância, a dificuldade em conferir-lhe uma inteligibilidade razoável. Dessa forma, parece justificado convencionar, aqui, a utilização da única denominação que nos parece abarcar esse contexto de uma forma geral, seja em suas características pós-modernas, hipermodernas, e assim por diante: iremos referir-nos a ele como contemporaneidade.

3 DESAFIOS E PERCALÇOS ENFRENTADOS PELO INDIVÍDUO ADOLESCENTE EM NOSSA ÉPOCA

A contemporaneidade, de acordo com Ibanez (2001, p.9), não importa o nome que a atribuamos, compreende “modificações que afetam tanto nossa forma de ser, como nossa maneira de entender o mundo, tanto nossas categorias conceituais quanto nossas práticas e relações sociais” (tradução minha). Isso nos leva a indagar quais as repercussões desse contexto em um sujeito que está em processo de formação de seus conceitos e de sua maneira própria de compreender a si e ao mundo que o rodeia, tal como Vigostky (1996) afirma ser a condição do indivíduo o adolescente.

Angela Maria Pires Caniato | Méryly Luane Vargas do Nascimento

Vimos que a indeterminação e a ambiguidade como características proeminentes de nossa época tende a suscitar nos indivíduos a perplexidade, a desorientação e mesmo a estupefação, exacerbando a experiência do desamparo, que, de certa forma, poderia ser considerada inerente à existência humana, tendo em vista as três fontes de sofrimento mencionadas por Freud (1930/1996): O poder superior da natureza, a decadência do próprio corpo durante o processo de desenvolvimento, e, por fim, a repressão pulsional às quais somos forçados por termos de respeitar princípios por vezes equivocados de nossa própria civilização. Tal exacerbação torna-se ainda mais problemática para o sujeito adolescente que, por se encontrar em um intenso processo de elaboração de modificação corporal, lutos pela imagem infantil e o desafio de tornar-se adulto, tem também intensificado seu sentimento de desamparo.

A instabilidade vivenciada pelo adolescente, bem como a fragilidade de sua estrutura egóica, segundo Levisky (1998), colocam-no em particular condição de vulnerabilidade em relação à violência psicossocial contemporânea. Desse modo, mecanismos psíquicos regressivos e estados mentais primitivos – tais como a onipotência, o egocentrismo, a negação da realidade, a concretude do pensamento e passagem direta ao ato – tendem a se tornar mais frequentes na manifestação da conduta desse sujeito, devido a uma resposta defensiva deste último em relação à violência vivenciada. Em outro trabalho, o autor acrescenta que:

É durante a adolescência que se tem uma segunda, e grande oportunidade, para se oferecer condições construtivas ou destrutivas ao desenvolvimento da estrutura da personalidade dos jovens a partir da interação com a sociedade da qual fazem parte, e na qual vão buscar seus novos modelos identificatórios. (LEVISKY, 2000, p.22).

A demanda intensa de trabalho psíquico exigido durante a adolescência – incluindo a elaboração de significativas perdas e ganhos e a integração do passado ao presente psíquico, a fim de formar uma identidade (Macedo, 2004) – pode ter distintas repercussões sobre o psiquismo. É por esse motivo que as influências do meio social, segundo Vigotsky (1996), nunca têm tanto significado como nesta fase da vida. É a partir de tais influências que tendências positivas ou negativas da conduta adolescente são exacerbadas ou atenuadas, fazendo das relações entre o ego, as pulsões e as exigências do mundo externo, um instável campo de forças, muitas vezes antagônicas.

É possível compreender, portanto, que nessa relação entre o indivíduo, o outro e a cultura, tanto a pulsão de vida (condições construtivas) quando a pulsão de morte (condições destrutivas) podem ser favorecidas, ganhando força e determinando as vicissitudes do

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

desenvolvimento psíquico. O entorno emocional e cultural que atravessa todo o processo terá profunda influência sobre o mesmo. A esse respeito, Levisky (2000) esclarece que, durante o processo de identificação, a interação com a família e com a sociedade maior determinam “valores impostos pela cultura vigente, que facilitam ou inibem a expressão dos movimentos pulsionais de vida e de morte.” (Levisky, 2000, p.26).

Como ponderam Jeammet e Corcos (2005), as manifestações psíquicas, sobretudo na adolescência, estão estreitamente relacionadas ao ambiente psicossocial. Desse modo, parece particularmente relevante investigar, nessa relação entre o indivíduo adolescente e a cultura, quais seriam aqueles elementos relacionados à exacerbação dos elementos destrutivos do psiquismo, os quais tendem a se materializar em ataques ao próprio indivíduo, aos outros e mesmo aos objetos e propósitos da aprendizagem e do conhecimento. Como salientou a teoria histórico-cultural:

[...] las estructuras de las funciones psíquicas superiores vienen a ser la copia de las relaciones colectivas, sociales entre los hombres. Dichas estructuras no son más que las relaciones de orden social, trasladadas al interior de la personalidad que constituyen la base de la estructura social de la personalidad humana. (Vigotsky, 1996, p.228).

Vigotsky (1996) concebe, durante o período da adolescência, a existência do que denomina uma fase negativa ou fase de recusa, caracterizada por comportamentos que podem ir desde uma mera rejeição a participar de atividades antes apreciadas pelo indivíduo até atos de violência e vandalismo. A duração e a intensidade dos sintomas negativos serão, segundo o autor, sobremaneira influenciadas pelo meio social, cultural, pedagógico e familiar. A cognição, principalmente a capacidade criativa e a abstração, podem ser significativamente prejudicadas nessa subetapa do ciclo vital. O autor explica que:

El rasgo distintivo principal de toda la fase es el descenso de la productividad de la actividad, la pérdida de intereses, la inquietud general. Diría-se que el adolescente se aparta del medio, que adopta una actitud negativa ante todo cuanto le rodea, hacia aquello que hace poco aún constituía el objeto de su interés; en algunos casos el negativismo es menos violento y en otros adopta la forma de una actividad destructora. [...] esta fase se caracteriza por una actitud hostil, tendencia a las riñas, infracciones de la disciplina. (Vigotsky, 1996, p. 31).

Embora nem todos os autores contemporâneos a Vigotsky compartilhassem de suas concepções, o autor afirma que teóricos e pesquisadores que se debruçavam sobre a adolescência, na época, seriam unânimes em reconhecer a existência dessa sub-etapa da mesma, caracterizada pelo desinteresse geral, pela apatia e, algumas vezes, também por episódios de explosões auto e hetero agressivas (autolesões, mutilações, violência física ou simbólica e o *bullying*).

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

A ação da pulsão de morte sobre o psiquismo pode ser auscultada a partir do negativismo, da recusa a participar de atividades antes tidas como prazerosas, a estar com pessoas cuja companhia costumava apreciar-se, enfim, de todos os “sintomas puramente negativos” (Vigotsky, 1996, p. 29), inclusive o sentimento de vazio e a involução de interesses anteriores, tal como destaca o autor. Como lembra Green (1988a e 1998b), a concepção freudiana da pulsão de morte deixa bem claro o estado quiescente que tal pulsão almeja: o retorno ao inorgânico, onde a energia vital é igual a zero. Assim, todo desinvestimento – retirada de libido de objetos do mundo exterior, sejam estes representados por pessoas, atividades ou interesses – pode significar uma ação da pulsão de morte, sobretudo quando é acompanhado desse sentimento de vazio e de falta de sentido ou prazer, tais como descritos por Vigotsky (1996).

De modo semelhante, o comportamento agressivo contra os pares, as disputas e brigas que, muitas vezes, tornam-se mortíferas para o indivíduo e para outros, podem ser considerados dentro do espectro dessa pulsão destrutiva, cuja ação, quando esta se encontra desfusionada da pulsão de vida e não controlada, fora caracterizada pelo próprio Freud (1920/1996) como tendo a aparência de uma ‘força demoníaca’.

Souza (2003) concebe os sintomas negativos descritos por Vigotsky (1996) como sinais de apelo e busca por uma autoridade segura, incontestável. Essa demanda por um pai forte far-se-ia sentir com mais intensidade na atualidade, quando vivenciamos um processo de “re-hierarquização de valores” (Costa, 2004, p.132) e uma crise de autoridade (Tenzer, 1991), “liquefazendo os marcos de referência” (Lipovetsky, 1989, p. 13) e deixando ao homem contemporâneo um clima geral de estupefação desorientação pela “fragilidade de todos os pontos de referência concebíveis” (Bauman, 2008, p. 189). É presumível que isso tenha ainda maior impacto numa idade em que o mundo simbólico está se ampliando (Vigotsky, 1996) e em que a personalidade está se definindo (Macedo, 2004). A respeito do adolescente e seus sintomas negativos, podemos compreender que:

[...] quando fracassa o território do que poderia ser o espaço das trocas simbólicas ou da instauração de um representante simbolicamente reconhecido, os efeitos podem ser da ordem da apatia, da imobilidade, da recusa a se fazer presente no campo social, ou os atos podem tornar-se impulsivos, portar a violência e a intensidade que deixou de ser intermediada, transformada, modulada, contida. (Souza, 2003, p.145).

Os prejuízos da violência simbólica ao psiquismo do indivíduo seriam, portanto, radicalizados para o adolescente, o que poderíamos compreender melhor ao atentarmos para o fato de que

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

este se encontra numa das etapas mais importantes de construção de seu universo simbólico (Vigotsky, 1996). Em uma realidade na qual o momento da adaptação é destacado unilateralmente, impedindo a superação das condições existentes (Adorno, 1959/2010), em que “a política e a economia se fundem num sistema onipresente que engolfa ou rejeita todas as alternativas” (Marcuse, 1982, p. 19), em que o indivíduo é alijado dos objetivos da totalidade social pela negação da subjetividade (na esfera afetiva e cognitiva) em um modo de produção alienado (Crochik, 1998), e na qual o pensamento tende a regredir ao impulso mimético pela impossibilidade de superação do *status quo* (Horkheimer, 2002) temos a violência simbólica como uma das formas mais recorrentes da violência psicossocial perpetrada sobre os indivíduos.

A racionalidade tecnológica que, de tal maneira se constitui, representa o triunfo do modo de pensar da classe dominante – aquela que realmente determina os objetivos de todo o aparato social – e faz com que seja o projeto dessa classe, dentre todas as alternativas históricas possíveis, que, ao se desdobrar, molde “todo o universo da palavra e da ação, a cultura intelectual e material” (Marcuse, 1982, p. 19). O círculo vicioso que logra perpetuar a violência simbólica perpetrada por essa elite sobre os demais é, desse modo, constituído.

Parece pertinente supor, portanto, que tal forma de configuração social terá importantes repercussões para a constituição da identidade de quem está justamente na fase da formação dos conceitos que lhe permitirão melhor compreender a realidade, aos demais e a si mesmo (Vigotsky, 1996, p. 73). A exacerbação da experiência do desamparo ao qual nossa cultura submete o adolescente pode ter grande influência sobre seus comportamentos e sua forma de relacionar-se com o seu próprio eu e com o mundo, muitas vezes guardando uma relação epigenética com a violência e autodestrutividade:

Podemos nos perguntar [...] se certos movimentos de revolta de adolescentes e de exacerbação de sua violência hétero ou auto-agressiva não correspondem a momentos de flutuação da sociedade dos adultos que não oferece mais consenso e cujo liberalismo pode ser percebido (e vem frequentemente acompanhado) por um afastamento que lembra às vezes um abandono. (Jeammet & Corcos, 2005, p.38).

O desamparo vivenciado de maneira intensa na adolescência devido às demandas pulsionais (Freud, 1905/1996) e à fragilidade e instabilidade egóica (Levisky, 1998) tende a se tornar mais acirrado no contexto sociocultural contemporâneo, que, ao privar o indivíduo (sobretudo o adolescente) de referenciais de autoridade, e portanto, da ordem simbólica, exacerba as

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

defesas de caráter narcísico e obstaculiza as possibilidades de mediação do outro (Savietto; Cardoso, 2006).

A confusão de gerações, promovida por uma cultura ‘adolescêntrica’ (Palmade, 2001), na qual os pais negligenciam seus papéis ou francamente recusam-se a demarcar nitidamente seus lugares, promovendo um “enfraquecimento das interdições e dos limites em benefício do aumento das exigências narcísicas” (Jeammet & Corcos, 2005, p.23) não auxilia muito o acesso do adolescente a essa já fragilizada ordem simbólica, constituindo-se, antes, em uma outra forma de violência, ao privar esse indivíduo da essencial função parental que faculta tal acesso.

As falhas no processo de mediação e a pobreza da ordem simbólica, tal como esta última encontra-se estabelecida na sociedade hodierna, são os fatores apontados por Savietto e Cardoso (2006) para o considerável aumento de comportamentos considerados violentos entre os adolescentes, uma vez que, destituídos da possibilidade de lidar com a intensidade pulsional pela via da simbolização, esses sujeitos tendem a recorrer a uma “ação extrema que pressupõe uma ruptura e uma alienação radicais, com desmoronamento de toda mediação simbólica” (Mayer, 2001, p. 93). A violência pulsional vivenciada no âmbito intrapsíquico seria, assim, exteriorizada em comportamentos agressivos contra o próprio indivíduo e contra os outros, pela impossibilidade desse indivíduo efetuar o trabalho psíquico de representação simbólica de seus impulsos. Nas palavras dos autores:

A fraqueza do poder e da ordem simbólica com a conseqüente privação de possibilidades de mediação, assim como a precariedade, a instabilidade, a vulnerabilidade, a incerteza e a insegurança inerentes ao atual mundo ocidental, parecem contribuir para a intensificação e a manutenção da revivência do desamparo na adolescência, assim contribuindo para o incremento do recurso às passagens ao ato. (Savietto & Cardoso, 2006, p.41).

A relação entre a violência simbólica – a qual “expressa-se na mídia que explora o imaginário das pessoas e cria uma cultura de aceitação e concordância, de permanência e manutenção da ordem vigente, do status quo” (Araújo, 2004, p. 104) – e as condutas auto e hetero-destrutivas do adolescentes é muita vezes explorada de forma linear e direta. Desse modo, temos alguns lugares-comuns, geralmente bastante explorados pela mídia e até por pesquisas científicas, como por exemplo, o fato de imagens violentas tenderem a suscitar comportamentos violentos entre os adolescentes. Porém, essa complexa relação, em suas sutis nuances, dificilmente é desvelada por tais associações. O aumento da violência entre os jovens das classes pauperizadas submetidos a repetidos anúncios de artigos considerados de luxo ou ‘de marca’ é

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

um significativo exemplar das repercussões de um tipo dessa violência simbólica, que dificilmente será explorado pelas mesmas fontes midiáticas que maciçamente difundem e obtém seu faturamento dos mencionados anúncios.

Essa conveniente negligência e mesmo desinteresse em relações aos efeitos que a violência simbólica produz sobre o psiquismo se explica pelos objetivos do sistema de produção e consumo cujos dispositivos obedecem à “lógica da mercadoria” (Baudrillard, 1995, p.205), que é totalmente diversa da lógica do desejo e do inconsciente. Não obstante, tal sistema “apóia-se com maior eficácia no dispositivo *inconsciente* de integração e de regulação” (Baudrillard, 1995, p.95, grifo meu) pelo qual educa os consumidores na disciplina de um código, composto por meio dos signos de consumo. Baudrillard (1995, p.70) assinala a inconsciência e o automatismo da suposta escolha do consumidor, já que esta última consiste em “aceitar o estilo de vida de determinada sociedade particular – portanto, deixa de ser escolha! – acabando igualmente por ser desmentida a teoria da autonomia e da soberania do consumidor”. Em outras palavras, como Adorno (1986, p.93) fez questão de enfatizar “o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto”.

O que está em questão para a lógica da mercadoria não são os objetos em si, mas as significações sociais aos quais estes se remetem, criando uma espécie de linguagem própria do consumo, na qual os signos são manipulados por meio de uma elite diretora (Baudrillard, 1995). O que está à venda, antes das mercadorias, é, na verdade, um estilo de vida – aquele que interessa à classe dominante – e é por esse motivo que:

[...] a estratégia de controle social por meio da violência simbólica constrói um princípio de realidade “enganoso” (ENRIQUEZ, 1992), em que a maciça “indução de modelos identificatórios” (KORDON; EDELMAN, 1987), principalmente pelo forte poder de persuasão e coerção dos meios de difusão de massa (GUINSBERG, 1991), engendra uma severa repressão que, agora atuando desde a inconsciência psíquica, arrasta o sujeito para a irracionalidade de identificações perversas com os modelos impostos socialmente. (CANIATO, 2009, p. 70)

Não obstante pretenda igualar coisas e pessoas sobre o mesmo primado do valor de troca e capturar o desejo humano para colocá-lo a seu serviço, a lógica do mercado – representada pela publicidade – se apresenta “sob a aparência de uma instância maternal e solícita, pronta a “realizar” os mais caros ideais do homem” (Severiano, 2010, p. 135). Visando a sedução e a identificação do consumidor com seus produtos, tal lógica apela para o imaginário deste último “por meio das formas publicitárias mais fantasmáticas possíveis” (Severiano, 2010,

p.128) promovendo “uma reorientação do desejo para objetivos compatíveis com as ofertas do sistema” (Severiano, 2010, p. 137).

No caso da adolescência, que, “por ser um ideal dos adultos, se torna um fantástico argumento promocional” (CALLIGARIS, 2000, p. 59), os grupos de indivíduos são transformados em *franchising* – franquias compostas por uma miríade de produtos destinados a supostamente facilitar a identificação dos membros entre si e como pertencentes ao grupo maior (CALLIGARIS, 2000). Tais mercadorias são adquiridas por crianças, adultos e pelos próprios adolescentes, pois os estereótipos e signos que representam são incutidos no imaginário social: “Nessa situação – em que a adolescência é um ideal para todas as idades e global -, o adolescente se torna um ideal pra si mesmo. Ele é empurrado pelo olhar admirativo de adultos e crianças a se tornar cada vez mais a cópia de seu próprio estereótipo” (CALLIGARIS, 2000, p.73).

Decorre de todo esse processo de cooptação/subordinação do desejo, um esvaziamento das relações humanas, e isto tanto do ponto de vista da relação do indivíduo com o seu próprio eu – seu próprio desejo, sua identidade, sua singularidade – quanto do ponto de vista de sua relação com o outro e com os projetos coletivos de transformação social. A ideologia dominante na sociedade de consumo não permite perceber que “o objeto é nada; por detrás dele estabelece-se o vazio das relações humanas, o desenho quimérico da imensa mobilização de forças produtivas e sociais que nele vêm reificar-se” (Baudrillard, 1995, p.210). É por esse motivo que Severiano (2010, p.140) compreende a subordinação da lógica do desejo à lógica do mercado como um processo inverso ao de individuação, ou em suas palavras: “um processo regressivo que envolve uma renúncia ao enfrentamento da realidade, um esvaziamento dos vínculos de alteridade, com redução dos processos de reflexão crítica e exacerbação do fascínio por um objeto-engodo”. Isso parece conduzir ao que Bittencourt (2009, p.64) denomina “mecanismo de narcose simbólica do indivíduo perante a sua própria interioridade”, caracterizado pela prioridade dada ao ‘ter’, em detrimento do ‘ser’ e por uma distorcida busca de felicidade pela adequação a critérios mercadológicos, enquanto as relações com o outro e com o próprio eu são empobrecidas. Em outras palavras:

A aquisição de uma imagem (por meio da compra de um sistema de signos como roupas de griffe e o carro da moda) se torna um elemento singularmente importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho e, por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado na vida. (HARVEY, 1996, p. 160).

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

Em última instância, essa narcose simbólica culmina no esvaziamento do amor por seu próprio eu (representações de si não contaminadas pelos ideais de consumo) e também dos vínculos com outros seres humanos, os quais são significativos para o indivíduo (BAUMAN, 2004). Concomitantemente, a mercadoria inanimada, é incapaz de devolver a libido nela investida pelo ser humano. Este se esvazia de libido na mesma proporção que a investe nas sutilezas metafísicas mercadológicas, em detrimento de objetos de amor humanos. Está aí implicada uma intensificação da pulsão de morte sobre o psiquismo, indicando que “A representação dos modelos identificatórios sociais induzidos atravessou a consciência individual, indo integrar-se às representações inconscientes de caráter tanático, e com elas se articula para se presentificar aos sujeitos como se fossem suas” (CANIATO, 2008, p. 70).

A ativação de conteúdos de caráter tanático é evidenciada na adolescência contemporânea, segundo Jeammet; Corcos (2005), por uma compulsão do adolescente em repetir comportamentos considerados destrutivos tanto para o próprio indivíduo quanto para os outros. A passagem direta ao ato violento, segundo os autores, “traduz um tipo de concretização de um pensamento que não tem mais à sua disposição meios de representação suficientemente claros e diferenciados” (JEAMMET; COCOS, 2005, p. 73) evidenciando a dificuldade do trabalho de simbolização para o adolescente consumidor de novidades da indústria e de sua ideologia mercantil. O que estaria no cerne dessas condutas violentas e negativistas seria “uma dimensão autodestrutiva e de auto-sabotagem de potencialidades do sujeito” p.75.

A impossibilidade de realizar-se pela via amorosa obstaculiza o caminho da pulsão para trabalhar a serviço da vida. É nesse sentido que a atividade pulsional é passível de tornar-se excessiva, violenta, traumática. No sentido colocado por Freud (1920/1996), a força pulsional excessiva, quando não encontra margens ou limites e não tem como ser metabolizada em destinos possíveis e aceitáveis do ponto de vista do indivíduo e da sociedade, aproxima-se da força destrutiva da pulsão de morte. Alonso (2003) explica essa aproximação:

No interior da estruturação narcísica e do complexo edípico, vão se criando as condições necessárias para que o **eu seja capaz de encaminhar as forças pulsionais** na direção da construção das fantasias, das brincadeiras, das relações amorosas e das fabricações de produtos culturais, **para que as pulsões, como solicitações de trabalho psíquico, fiquem a serviço da vida**. Quando isso não é possível, as pulsões, no seu excesso, no que têm de mais indizível, viram verdadeiras ameaças para o eu, e é nestes casos que a **violência da pulsão** se faz notória. (ALONSO, 2003, p. 228, grifos meus).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que a violência psicossocial vivenciada na contemporaneidade pelos indivíduos (de um modo geral) combina-se à violência pulsional vivenciada especificamente na adolescência. Ocorre que, ao mesmo tempo, a mesma violência de caráter social obstaculiza o encaminhamento das forças pulsionais em direção a atividades prazerosas, pautadas na alteridade e no vínculo amoroso com o outro, bem como na constituição do conhecimento de si e do mundo.

À medida que o estabelecimento de vínculos amorosos entre os indivíduos é dificultado e a confiança no outro começa a desaparecer, os laços de amizade e a solidariedade são solapados. Desse modo, uma importante via para a colocação dos impulsos a serviço da pulsão de vida é obstruída. Ademais, o impedimento social do indivíduo para fabricar produtos culturais significativos para os seres humanos – à medida que essa fabricação é cada vez mais conduzida por uma racionalidade instrumental e quase invariavelmente voltada aos interesses da classe dominante – todo esse processo de retraimento libidinal obstrui também o caminho sublimatório das pulsões. A terceira forma, aqui considerada, de acirrar a violência pulsional por meio da violência psicossocial é impedindo – ou colocando significativos obstáculos – às possibilidades de representação simbólica do indivíduo, o que se torna ainda mais potencialmente nocivo para o adolescente, sujeito em situação peculiar de desenvolvimento de seu universo simbólico.

O amor entre seres humanos (com e sem finalidades especificamente sexuais), o conhecimento e a construção da cultura, bem como a capacidade de representação simbólica podem ser considerados elementos de humanidade: aquilo que permite à nossa espécie constituir-se em seu desenvolvimento histórico tal como há milênios a compreendemos. Resta à Psicologia, enquanto ciência que elege como seu objeto a subjetividade, indagar acerca de como são engendrados os processos de subjetivação contemporâneos enquanto esses três elementos parecem estar ameaçados: a sexualidade, o conhecimento e o patrimônio cultural humano. O fato de ser essa uma tarefa inegavelmente árdua e quase invariavelmente inglória, já que dificilmente alguém seria capaz de esgotar ou responder de maneira plenamente satisfatória tal questão, não parece ser justificativa suficiente para eximirmo-nos da mesma. Esse artigo, com suas contribuições reconhecidamente modestas para essa reflexão, objetivou

antes suscitar algumas dessas indagações que propriamente respondê-las de forma contundente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Indústria Cultural*. In: COHN, G. **Theodor Adorno**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p.90-123.

_____. Teoria da semiformação. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; LASTÓRIA, A.C.N. **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010. p.8-p.40. Originalmente publicado em 1959.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento** – fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Originalmente publicado em 1947.

ALONSO, S. L. Novos arranjos para a melodia. In: FUKS, L. B.; FERRAZ, F. C.(org). **Desafios para a psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2003.

ALVES, M. P. Breves notas sobre o perigo de falência da realidade. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: www.bocc.uff.br/_esp/autor.php?codautor=876. Acesso em: 28/11/2008.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **A sociedade individualizada**. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 100, p. 62-69, 2009.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANIATO, A. M. P. A sociabilidade autoritária: comprometimento na individuação e para a cidadania. In: _____ (org). **Subjetividade e violência**: desafios contemporâneos para a Psicanálise. Maringá: Eduem, 2008. p.67-82.

CHARLES, S.; LIPOVETSKY, G. São Paulo: Barcarolla, 2004.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CROCHIK, J. L. **O computador no ensino e a limitação da consciência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

EAGLETON, T. **As ilusões do pos-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-231. Originalmente publicado em 1905.

_____. **Além do princípio de prazer**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-75. Originalmente publicado em 1920.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GREEN, A. Pulsão de Morte, Narcisismo Negativo, Função Desobjetalizante. In: **A Pulsão de Morte**. São Paulo, SP: Escuta. 1988a. p. 53-64.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte**. São Paulo: Escuta, 1988b.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

IBAÑEZ, T. **Municiones para disidentes: realidade-verdade-política**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

JEAMMET, P.; CORCOS, M. **Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia–UFF**, v. 17, n. 1, p. 61-77, 2005.

LEVISKY, D. L. Adolescência e violência: a psicanálise na prática social. In: _____ (org). **Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 21-44.

_____. (org). **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYOTARD, J.F. **A Condição pós-moderna**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2004. Originalmente publicado em 1979.

MACEDO, M. M. K. **Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Angela Maria Pires Caniato | Méry Luane Vargas do Nascimento

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

MATHEUS, T. C. O discurso adolescente numa sociedade na virada do século. **Psicologia USP**. V.14, n.1, p.85-94, 2003.

MAYER, H. Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In: CARDOSO, M. R. (Org.). **Adolescência: Reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001. p. 81-101.

OUTEIRAL, J. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, C. **Geração delivery: adolecer no mundo atual**. São Paulo: Sá, 2001. p. 115-125.

PALMADE, J. Pós-modernidade e fragilidade identitária. In: Araújo, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C.(Orgs.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 93-121.

SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 1, p. 15-43, 2006.

SENNETT, R. **O declínio do homem público** – As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVERIANO, M. F. V. “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. In: **Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SEVERIANO, M. F. V.; ESTRAMIANA, J. L. A. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SOUZA, M. L. R. Adolescência: a dor de uma travessia prolongada. In: FUKS, L. B.; FERRAZ, F. C. (orgs.). **Desafios para a Psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2003. p.137-148.

TENZER, N. **La sociedad despolitizada** – ensayo sobre los fundamentos de la política. Buenos Aires: Paidós, 1991.

VIGOTSKY, L. S. Paidologia del adolescente. In: _____ **Obras Escogidas IV**. Madrid: Visor Dis, 1996. p. 9-248.